

Expansão não cria barril de pólvora

DF - Samambau

25 JUL 1984

O secretário de Viação e Obras, José Carlos Mello, disse ontem que a criação da cidade-satélite de Samambaia, a expansão do Setor "O" e o assentamento de favelas no Distrito Federal não vão criar uma crise social conforme declarou o economista Charles Muller, professor da UnB, ao afirmar que o GDF necessita de um plano para a geração de empregos para os moradores dessas novas áreas. Segundo Mello, nos planos de assentamento existem áreas para a construção de indústrias e lojas comerciais para empregar a mão-de-obra moradora no local. Conforme Mello, o que se precisa é do crescimento da economia no país para que os empresários possam oferecer mais empregos.

José Carlos Mello afirmou que não há qualquer relação de causa e efeito entre a criação de Samambaia e dos novos núcleos habitacionais e a geração de empregos. Ele diz que seria bom que nascendo determinado número de crianças em um ano, vinte anos depois fossem gerados o mesmo número de empregos. Essa defasagem entre a oferta e a procura de empregos é natural no mundo e, em especial, nos países em desenvolvimento.

— A fase que atravessa o Brasil é ainda uma fase de urbanização, ainda não se completou em nosso país a transição entre o país rural e urbano. Esse processo vem se dando de forma contundente há três décadas, mas ainda não atingiu seu equilíbrio. Como resultado, as cidades incharam, ou seja, cresceram de forma patológica e esse crescimento destruiu um equilíbrio que elas possuíam. As cidades começaram a crescer de forma desordenada na periferia e as que não tinham favelas passaram a ter. Grande parte da mão-de-obra que migrou para a cidade não encontrou colocação no mercado de trabalho, a não ser no setor de construção civil, que é menos exigentes no que se refere à qualificação profissional.

O processo pelo qual passa o Brasil é o mesmo, segundo Mello, de todos os países e onde normalmente, nessa fase da história econômica, passam por dois fenômenos. O primeiro é a geração rápida de empregos industriais e na construção civil nos centros urbanos; o outro é a mecanização das regiões agrícolas. Um atrai a mão-de-obra e o outro a expulsa.

— A literatura tem sido exímia em registrar esses períodos. Basta ver Dickens mostrando a Londres como a cidade de pior qualidade de vida após a Revolução Industrial e John Steinbeck mostrando os desequilíbrios ocorridos nos Estados Unidos na passagem de país rural para urbano, narrando inclusive o drama dos bóias-frias. Nesses períodos a maneira de minimizar o problema das populações pobres é atuar através do atendimento social porque é impossível gerar empregos urbanos para essas grandes levadas que vêm para as cidades.

Essa população migrante, segundo Mello, sofre carência de moradia, de trabalho e, em outras cidades que não Brasília, carência de escolas, de assistência médica e atendimento social. Para ele, o GDF, através de seu projeto de assentamento de população de baixa renda, como a expansão do Setor "O", Candangolândia, Divinéia, Vila São José e outros, está procurando reduzir uma dessas carências, já que as pessoas beneficiadas por esse programa vivem em quartos ou barracos que consomem mais da metade

de seus salários. José Carlos Mello diz que considera louvável o empreendimento do governo Ornellas em criar condições para que o cidadão de baixa renda possa adquirir sua casa.

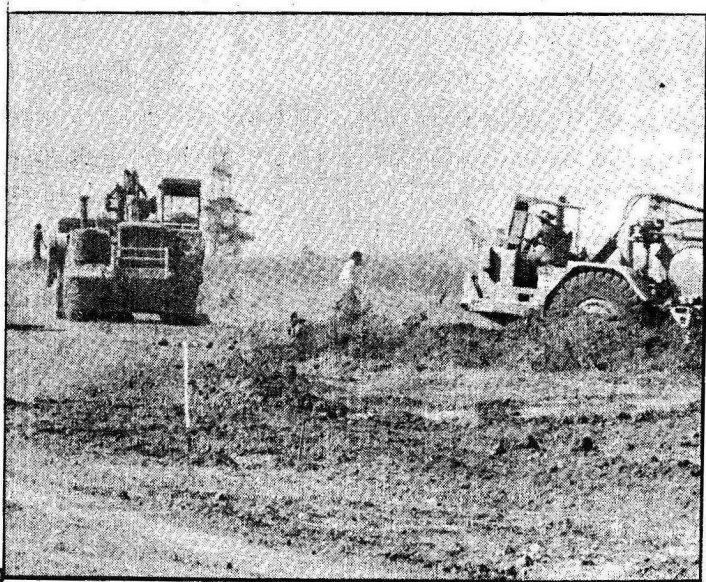
EMPREGOS

O secretário de Viação e Obras disse que quando se fala em geração de empregos, deve-se considerar que essa geração é fruto de combinações de vários fatores como mercado, capacitação de mão-de-obra, existência de aptidão regional para a industrialização, a capacidade empresarial e os incentivos, através de crédito, e a disponibilidade de áreas industriais.

— O GDF atua principalmente através das linhas de crédito privilegiadas do Banco Regional de Brasília e pela criação de áreas industriais que são colocadas no mercado a preços bem razoáveis. No caso do Setor "O", fica situado a menos de dois quilômetros do Setor de Indústrias da Ceilândia que tem 1.44 lotes com toda a infraestrutura — água, luz, asfalto, etc. — e com os terrenos à venda há mais de dois anos com preços aproximadamente iguais à metade dos valores de mercado. Poucas indústrias, no entanto, se instalaram ou pretende se instalar ali a curto prazo, devido ao quadro recessivo pelo qual atravessamos. Quando a economia demonstrar sinais de recuperação, esse setor estará disponível ao empresariado para que ele gere empregos. Ali, pela proximidade, será dispensado aos moradores do Setor "O" o uso do transporte já que eles poderão fazer o caminho de casa para o trabalho a pé ou de bicicleta. Devemos ver que o transporte coletivo pode consumir até 20 por cento da renda de um trabalhador. O GDF planeja e executa suas ações no campo econômico e social de forma integrada, embora, infelizmente, isso não seja do conhecimento de alguns setores de nossa comunidade.

Quanto à criação de Samambaia, que quando estiver totalmente pronta, terá uma população de 330 mil habitantes, Mello diz que seu planejamento foi muito criterioso e que ela é decorrência do PEOT — Plano Estrutural de Organização Territorial que, através de análises principalmente de fatores ambientais e econômicas, concluiu que a maneira mais racional de assentar os acréscimos da população do Plano Piloto seria no eixo Taguatinga-Gama.

— O que pretendemos com Samambaia é aumentar o número de lotes no mercado, e estabilizar o preço desses terrenos. Em Samambaia estão previstas áreas para o comércio e indústrias como oficinas mecânicas, carpintarias, serralherias, etc. Um outro aspecto é que a população de saturação do DF é de 1,5 bilhão de pessoas e já estamos na casa dos 1 milhão e 300 mil e aí Brasília, como qualquer cidade do mundo, tem dois caminhos a seguir, ou aumentar indiscriminadamente os gabaritos das construções e a densidade populacional ou planejar o ordenamento do uso do solo urbano. O GDF optou pelo segundo caminho. Samambaia minimizará essas pressões e funcionará como elemento de proteção do Plano Piloto, pois consideramos o projeto de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer um patrimônio urbanístico e arquitetônico da humanidade, a marca de uma época e que não cabe mais ser discutido. Essa fase de discutir Brasília já passou, cabe agora apenas preservar a cidade.



Samambaia continua a ser construída em ritmo acelerado